

AJO1134

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Nova Rosa da Penha, reduto das igrejas

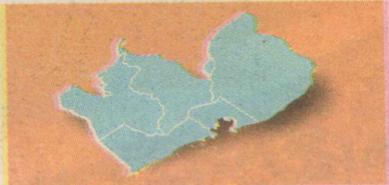
No que depender de quantidade de templos, o bairro Nova Rosa da Penha, em Cariacica, já pode ser considerado solo santo. No local existem 65 igrejas, segundo levantamento da prefeitura. Sete são católicas e as outras 58, evangélicas.

Batistas, luteranos, católicos, metodistas e membros de outras denominações protestantes convivem harmoniosamente. Em eventos especiais, eles atuam juntos para salvar espiritualmente a população da região, que é uma das mais populosas de Cariacica – são mais de 15 mil pessoas.

Além da matriz, a Paróquia Sagrada Família possui outros seis templos. O pároco responsável, padre Flávio Leonardo Campos, pondera que tantas igrejas representam aspectos positivos e negativos.

“O lado bom é que as igrejas promovem a paz, a tolerância e renovam as esperanças do povo, já que essa região foi marcada pela violência. O ruim é que ocorre muita fragmentação. Em um rua é possível encontrar duas, três igrejas da mesma denominação. Essa distinção leva a uma divisão, pois a pluralidade nesse caso nasce da divergência”, comenta.

Ao todo, são 58 igrejas evangélicas. “O censo do Centro de Estatísticas Religiosas, o Ceres, apontou que 56% da população de Nova Rosa da Penha são católicos. Outros 10,7% declaram não ter religião. Os demais são



evangélicos”, explica o padre.

Das igrejas pentecostais, a Assembléia de Deus dirigida pelo pastor Edson Alves de Freire, localizada na rua 12, é a mais antiga. Ela foi fundada pelo pai dele, o pastor Dilson Nunes Freire, há 26 anos.

“É uma honra servir a Jesus nesse bairro. O Senhor tem transformado muitas vidas”, comenta o pastor Dilson, que se afastou há dois anos.

O diácono da Primeira Igreja Batista de Nova Rosa da Penha, Vany Luiz da Silva, 37 anos, acrescenta que a atuação da religião ajudou a mudar a história local.

“Antigamente, o bairro estava nas páginas policiais todos os dias. Quanto mais o evangelho vem sendo pregado, mais gente aceita Jesus como salvador e, automaticamente, a violência cai”, afirma.

O casal de aposentados Angelo Pígole Filho, 67 anos, e Maria de Oliveira Pígole, 68 anos, não perde uma oportunidade de ir à igreja para orar pelos vizinhos. “Igreja nunca é demais. O que tem atrapalhado a sociedade são drogas, vícios e armas. Cristo muda tudo”, comenta Angelo.

COMO SURGEM?

Como se escolhe o nome do bairro: tradicionalmente, os nomes são escolhidos pelos próprios moradores, em assembleias gerais. Depois, quando são oficialmente cadastrados, na Câmara Municipal de cada cidade, o nome é votado e aceito.

Quando se tratam de bairros novos, construídos pela indústria imobiliária, é normal já ter um nome definido ainda antes mesmo de começar a construir alguma coisa, pois a incorporadora precisa pedir a licença na prefeitura.

NOMES CURIOSOS:

■ **Futebol:** Jardim Guadalajara, Jardim Colorado, Jardim Asteca e Novo México, em Vila Velha, ganharam os nomes em função da Copa do Mundo de 1970, quando o Brasil conquistou o tricampeonato, no México. São nomes de lugares mexicanos por onde a Seleção passou.

■ **Bubu (Cariacica):** na língua Tupi-guarani, isso significa local lodoso, escorregadio. Apesar de parecer ser o aproveitamento do nome de um rio, o bairro é que interferiu na identificação do rio, que é originalmente rio Cariacica.

Para vender os tijolos de terra queimada que eram feitos no bairro e as batatas doces cultivadas no lugar, os moradores transportavam tudo pelo rio Cariacica, em canoas, até a Vila Rubim. Como o lugar era escorregadio, o nome ficou.

■ **Buiaiaras (Viana):** umbui significa co-

bra, em Tupi-guarani. Aiara é rio. Significa rio de cobra ou algo assim.

■ **Felicidade:** o sonho de ter um lugar amoroso, tranquilo e bom de viver inspirou moradores a darem nomes a dezenas de bairros na Grande Vitória. Exemplo disso é Morada Feliz, Canto Feliz e Vista Alegre.

■ **Itanhenga:** o nome que significou, durante muitos anos, uma identificação de lugar de violência em Cariacica, na verdade, tem um significado mágico. Como o território fica próximo a manguezal e existia uma concentração natural de gás metano no solo, devido à decomposição de matéria orgânica, a região tinha focos de fogo autônomos, ou seja, de repente.

Quando isso acontecia, surgia um barulho característico, como um trovão. O povo que vivia na região, índios e descendentes, associava o som a um trovão. Daí o nome. Ita, que significa pedra, e nhenga, que fala.

■ **Nova Rosa da Penha** – nos anos de 1970, com o boom industrial e desenvolvimento da região da Grande Vitória, Cariacica recebeu um grande contingente de famílias do interior, vindo para atuar na mão-de-obra daqui. Sem infra-estrutura, elas viviam em Rosa da Penha, uma comunidade na região de Campo Grande.

Com o tempo, centenas de famílias foram transferidas para Itanhenga. Como símbolo de luta por melhorias, colocou o nome que representasse o passado recente, Nova Rosa da Penha.



ANDRESSA CARDOSO/AT

COPA DO MUNDO DE 70 INSPIRA NOMES

Paixão nacional, o futebol, que inspira os brasileiros a dar nomes de ídolos aos filhos, também interferiu na história capixaba. Com a conquista do tricampeonato da Seleção Canarinho na Copa do Mundo de 1970, no México, quatro bairros de Vila Velha ganharam nomes de cidades mexicanas por onde os patriotas de chuteiras passaram.

Novo México, Jardim Guadalajara, Jar-

dim Asteca e Jardim Colorado estavam sendo construídos quando os torcedores vibravam pelas ruas pintadas de verde e amarelo.

O aposentado Oilson Pissinatti, 62 anos, morador de Novo México desde 1973, lembra sempre das jogadas incríveis do time de Rivelino e Pelé e, principalmente, da vitória sobre a Itália por quatro a um, na final. “A própria construto-

ra colocou os nomes. Acertou. É um orgulho”, enfatiza Oilson.

Ele destaca que a região “respira” futebol. Alguns bares ficam lotados e chegam a colocar telões na calçada para o público assistir às partidas. O campo local vive cheio.

O bairro, aliás, completa 38 anos no próximo final de semana, com festas nos dias 26 e 27.

NOVO HORIZONTE LIDERA CASAMENTOS NA SERRA

ANTÔNIO MOREIRA/AT

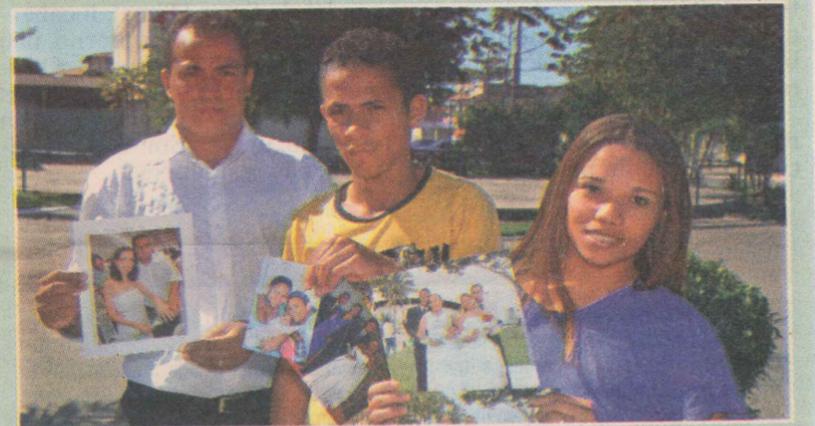
Os moradores de Novo Horizonte, na Serra, fazem jus a um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou o município como o que tem maior número de casamentos.

Só este ano, 137 casais do lugar disseram o tão esperado sim, durante um casamento coletivo em maio. Foram sete vezes mais pares do que os outros bairros, com média de 20 uniões por comunidade participante.

A dona-de-casa Catiara Conceição dos Santos Garcês, 22 anos, disse sim. Agora, ela é casada com o motorista Jandilson de Moura Garcês, 22 anos.

“Já estamos juntos há sete anos. Conheço várias pessoas da vizinhança que também escolhem casar em vez de ficar só namorando ou morando junto. Amo o Jandilson e acredito que vamos viver juntos o resto da vida”, declarou Catiara.

Depois de pouco mais de um ano namorando, o auxiliar de obras Judismar Mon-



teiro Borges, 20 anos, também disse sim. Ele se casou com a babá Francielle de Freitas Gomes Borges, 19 anos.

Outros bairros da Serra onde o povo não desperdiça a oportunidade de subir o

altar são Vila Nova de Colares e Planalto Serrano. De acordo com o Sindicato dos Notários e Registradores do Espírito Santo (Sinoreg), somente este ano foram realizadas 8.744 uniões em todo o Estado.

CHICO CITY PODE DESAPARECER?

Depois de leilões, protestos de moradores e até de apelo ao Ministério das Cidades, em Brasília, que fim levará o bairro Chico City, na Serra?

O lugar surgiu na década de 1970, quan-

do a empresa de madeira e compensados Atlantic Veneer se instalou no Espírito Santo. Com oito anos de operação, ela fechou as portas. Os funcionários continuaram morando nas 115 casas que receberam.

ANDRESSA CARDOSO/AT



Depois de decretada a falência, em 2005, começou a maratona de leilões da área. O último foi há cerca de seis meses, quando o lugar foi arrematado pela MRV Construtora.

“Mais uma vez nosso sofrimento aumenta. Tememos perder nossa casa”, desabafa a aposentada Maria Agnelo Pacheco, 72 anos. Evaldo Decilio, Sandro Rodrigues, Nelson Ferreira da Silva, João Dias e Vivian Rizzo, ex-funcionários ou filhos de ex-funcionários, compartilham da mesma preocupação.

“Ainda não houve sequer uma conversa oficial conosco”, diz o vice-presidente da Associação de Moradores, Marcelino Miranda Rocha.

Para alegria dos moradores, a MRV Construtora informou, via assessoria de imprensa, que arrematou somente a área industrial. Disse, ainda, que está começando os estudos para definir o tipo de empreendimento a ser implantado no local.